Leach e Lévi-Strauss

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

As relações entre a Inglaterra e o Continente, especificamente a França, não têm sido das mais frutíferas no campo da Antropologia. O renitente empirismo inglês e o não menos renitente racionalismo francês sempre foram obstáculos *quase* intransponíveis para as boas relações entre antropólogos de um e de outro lado da Mancha. E se sublinho o quase, é porque pelo menos em duas ocasiões essas relações se estreitaram, criando-se praticamente um campo comum, por pouco uma interação de idéias, não fosse a pequena reciprocidade dessas relações, posto que mais do que a ilha, foi o continente que marcou a sua presença. A primeira ocasião foi marcada pela presença da sociologia durkheimiana na antropologia de Radcliffe-Brown, cujas repercussões no desenvolvimento da antropologia britânica são notórias. A segunda ocasião — que nos interessa mais de perto — é a que recentemente se deu e ainda está em pleno curso: a influência de Lévi-Strauss sobre Edmund Leach, indubitavelmente dos mais famosos antropólogos britânicos vivos — se não o mais. Mas estranhos fenômenos passam a ser observados: não temos mais a transfiguração empirista do racionalismo francês, como foi feita de modo claro — e por vezes ingênuo — por Radcliffe-Brown. Agora o que se verifica é uma incorporação *sui generis* do racionalismo, onde, menos do que observar uma certa continuidade de postulados empiristas, impenitente vacina contra os excessos racionalistas, o que se nota é o domínio desse racionalismo, porém sob um novo estilo de se fazer "antropologia empírica": o curioso e deslocado estilo de Leach.

Talvez um "Francês" em Cambridge? Certamente não. Pois sob suas idéias lévi-straussianas, a preocupação com o senso comum, persiste em perfeita sintonia com seus mais afamados compatriotas:

Bacon, Mill e Hume. Mas o que mais nos encanta no raciocínio de Leach é ver como o "bom senso" (no sentido inglês de *"common sense"*) se alia a um pensamento teórico extraordinariamente criativo. Parece que Leach incorporou no limite máximo de sua eficácia a crença inglesa de ser esse *"common sense" o sentido de realidade* tão fundamental para o espírito científico. Certamente que a Antropologia Social muito ganhou com essa leitura "leachiana" de Lévi-Strauss, pois não só trouxe o Mestre francês do Céu para a Terra, das grandes teorias para as de menor alcance, da busca incessante do Homem Universal ao conhecimento concreto de manifestações particulares desse Homem, quer esteja no Ceilão, na África Negra, na Europa ou no Brasil Indígena. Nesse sentido, Leach retoma precisamente o que Lévi-Strauss perdeu de seu Mestre Marcel Mauss: o fascínio pelas modalidades de ser desse Homem abstrato, elas sim, objeto privilegiado da Etnologia. E como Mauss, Leach parece conservar uma postura racionalista básica, livre de empirismos ingênuos, o que o torna talvez o melhor leitor inglês de Lévi-Strauss.

Várias publicações anteriores a *Culture and Communication: the Logic by which Symbols are Connected* (Cambridge University Press, 1976) denotam essa competência de Edmund Leach, particularmente dois de seus livros já traduzidos para o Português (*As idéias de Lévi-Strauss,* publicado pela Editora Cultrix, em 1973, edição original 1970; e *Repensando a Antropologia,* pela Editora Perspectiva, em 1974, edição original 1961). Nesses livros, como em diversos artigos sobre Lévi-Strauss, por exemplo o seu interessante "Lévi--Strauss — Antropologist and Philosopher" (*New Left Review,* n.º *34,* 1965) ou seu "Lévi-Strauss in the Garden of Eden" (*Transaction of the New York Academy of Sciences,* 23, 4, 1961), ademais da boa exposição das idéias do Mestre, temos uma arguta crítica vazada continuamente numa fina ironia, o que torna esses livros e artigos um deleite à leitura, ainda que deles se possa discordar. Mas *Culture and Communication* nos surpreenderia com seu caráter didático, não fosse a advertência de seus editores, Jack Goody e Geofrey Hawthorn, denunciando serem os destinatários do livro estudantes de graduação. Todavia, estaríamos enganados se relegássemos essa pequena obra de cerca de apenas 100 páginas ao *status* de manual escolar. Sem deixar de ser uma introdução, ela é bem mais do que isso. Distribuída em 19 curtíssimos capítulos, a obra se constitui numa espécie de inventário das possibilidades analíticas do método estrutural, partindo desde uma tentativa de clarificar as bases do discurso estruturalista (do capítulo 1 ao 5, intitulados, respectivamente, "Em-

piristas e Racionalistas: transações econômicas e atos de comunicação", "Problemas de Tecnologia", "Objetos, imagens sensoriais, conceitos", "Sinais e índices" e "Transformações"), até a demonstração da fecundidade da análise estrutural no trato de questões clássicas da Antropologia Social. Precede a esses capítulos, uma advertência do Autor — feita com sua habitual ironia — de que

> todas as idéias neste ensaio são emprestadas de outros: a única coisa que é original a respeito do argumento é a forma em que está lançado. Mas o ensaio é sobre a semântica das formas culturais e desde que a forma é minha, meu é também o significado (p. 2).

Os temas sobre os quais se debruça são: "Teorias sobre magia e feitiçaria" (cap. 6), "A ordenação simbólica de um mundo feito pelo Homem: limites do espaço social e do tempo" (cap. 7). "A representação material de idéias abstratas: ritual de condensação" (cap. 8), "O desempenho orquestral como uma metáfora de seqüência ritual" (cap. 9), capítulo que retoma o paradigma formulado por Lévi-Strauss para o estudo do mito, modificando-o ligeiramente e adequando-o à análise dos rituais; neste capítulo e nos que se seguem, Leach procura mostrar como o método estrutural opera a partir de certas evidências que, a rigor, lhe conferem indiscutível rentabilidade: "A base fisiológica dos conjuntos signos/símbolos" (cap. 10), "Mapeamento: tempo e espaço como representações recíprocas" (cap. 11), "Ordem seriada e orientação" (cap. 12), "Exemplos do código binário" (cap. 13), capítulo onde trata da vestimenta, do simbolismo da cor, da culinária, das mutilações corporais e do ruído e do silêncio; a partir do capítulo 14, "Acasalamentos prescritos, retoma temas clássicos modernizados por Lévi-Strauss: "Lógica e mitológica" (cap. 15), "Cosmologia básica" (cap. 16), "Ritos de transição ou de passagem" (cap. 17), "A lógica do sacrifício" (cap. 18), finalizando o livro com uma "Conclusão" (cap. 19), onde provoca o leitor a voltar à sua Introdução para "decidir o quão longe estive de realizar minhas promessas" (p. 95). Ei-las: partindo da fórmula axiomática de que "cultura comunica", Leach propõe a tese geral segundo a qual

> a interconexão complexa dos eventos culturais é, em si mesma, produtora de informações para aqueles que participam naqueles eventos. Isto aceito, meu propósito — continua Leach — é sugerir um procedimento sistemático por meio do qual o antropológo observador participante pode começar a decodificar as mensagens embutidas nas complexidades que ele observa (p. 2).

E destacando a importância de o leitor procurar por si mesmo o fato etnográfico, diz que a abordagem adotada no livro é a que assume que "a única etnografia com respeito a qual um antropólogo social noviço pode ter qualquer conhecimento íntimo é a que deriva de sua própria experiência de vida" (p. 2). E não teria sido por outra razão que Leach, escrevendo para o jovem estudante anglo--saxão, escolheu a Bíblia como "a monografia etnográfica" mais adequada à ilustração de sua análise estruturalista.

Enquanto Edmund Leach nos dá um livro que pede por uma tradução para o Português, Claude Lévi-Strauss tem sua *Anthropologie Structurale Deux* (Plon, 1973) editada entre nós sob o título *Antropologia Estrutural Dois* (Edições Tempo Brasileiro, 1976), numa demonstração da indiscutível penetração do estruturalismo no Brasil. Mas a diferença entre essa obra e a de Leach está menos na distância que vai entre as duas margens da Mancha, do que no caráter sistemático e propedêutico de uma contra o teor reflexivo e diversificado da outra, constituída de 25 textos, distribuídos por 18 capítulos que cobrem desde temas teóricos gerais, sobre o escopo da Antropologia Estrutural, até tópicos mais específicos referentes à organização social, à mitologia, ao ritual e às relações entre diferentes etnias e culturas. Embora esse livro tenha agregado o número *Dois* ao título, para distingui-lo do primeiro *Antropologia Estrutural,* igualmente traduzido (Edições Tempo Brasileiro, 1967), não se trata de continuação de uma mesma obra, senão da continuidade de uma postura teórica e metodológica inaugurada há vários lustros, persistentemente refinada e que permanece ainda hoje como a grande abertura da Antropologia para o conhecimento desse Homem universal, sempre presente nas sociedades das mais desenvolvidas às mais "primitivas". Mas na esteira dessa busca do universal, Lévi--Strauss não deixa de contribuir para a análise imaginativa de fragmentos de culturas particulares, estimulando etnólogos como Leach a "repensarem a Antropologia" e a nos oferecerem estudos empíricos altamente criativos. Nesse sentido, os trabalhos reunidos em *Antropologia Estrutural Dois* são bastante eloqüentes.

Sobre esse conjunto de textos cabem alguns esclarecimentos. Dentre os 25 constantes da coletânea, apenas dois foram publicados anteriormente a 1958, data do primeiro tomo de *Antropologia Estrutural* (Plon, 1958): trata-se de um pequeno escrito de 1956, "Os três humanismos" (Cap. XV.1), e de seu ensaio "Raça e História" (Cap. XVIII), de 1952 e destinado originalmente à coleção *La question raciale devant la science moderne,* patrocinada pela UNESCO.

Os demais 23 textos cobrem um período que vai de 1958 a 1973. Apesar de serem bastante desiguais em temática e em tratamento analítico, não o são em criatividade. Destaque-se, não obstante, como contribuições de inexcedível alcance teórico, sua aula inaugural "O campo da Antropologia" (1960) e o artigo "Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem" (1962), respectivamente capítulos I e II do livro em exame. Do ponto de vista metodológico, devem destacar-se ainda seus artigos polêmicos com David Maybury-Lewis e com Luc Reusch. O primeiro, originalmente publicado sob o título inglês "On Manipulated Sociological Models" (1960) e agora intitulado "Sentido e uso da noção de modelo" (cap. VI); o segundo, "Reflexões sobre o átomo do parentesco" (1973), capítulo VII da coletânea; além de seu clássico ensaio sobre a obra de Vladimir Propp, aparecido em 1960 sob o título "L'analyse morphologique des contes russes", agora republicado com o título "A estrutura e a forma" (Cap. VII) e acrescido de um *post-scriptum* no qual Lévi-Strauss registra sua estranheza pela reação de Propp ao seu ensaio. Devem destacar--se ainda seus textos, igualmente incluídos na coletânea, preocupados com o enfrentamento do homem "primitivo" ou mesmo "moderno", e com a emergente — em todas as latitudes — sociedade massificada, mecanizada e burocratizada; mais os textos que compõem sua comunicação a uma mesa redonda sobre as premissas sociais da industrialização, realizada em 1961, que aqui comparece sob o título "As descontinuidades culturais e o desenvolvimento econômico e social" (cap. XVII); e o já mencionado "Raça e História", agora revisto e corrigido. Nesses últimos textos, enfeixados na seção Humanidades de *Antropologia Estrutural Dois,* Lévi-Strauss caminha no limite entre a antropologia e a filosofia e nos incita à reflexão sobre a morte desse Homem, esmagado pela conquista de seus territórios, deserdado de suas tradições culturais e alienado de sua humanidade comprometida, ela própria, nas malhas de um progresso equívoco e de uma civilização desnecessária. Seção de indispensável leitura àqueles que dentre nós militam na administração e na política indigenista.

Não é necessário nos alongarmos mais neste comentário da obra de Claude Lévi-Strauss, salvo para esclarecer que a não referência aos demais capítulos não significa que os consideramos de menor importância. O livro em sua totalidade reúne uma parte das mais expressivas dos escritos curtos de Lévi-Strauss que mostram muito bem a evolução de seu pensamento, sobretudo se os cotejarmos com os publicados no primeiro *Antropologia Estrutural.* Ambos os livros

são de grande utilidade para a leitura sistemática de suas obras maiores, como *Les Structures Élementares de la Parenté* (1.ª Edição PUF, 1949; tradução brasileira, Vozes, 197...) ou *Mitologiques* I, II, III e IV (Plon. 1964, 1966, 1968, 196...). Quanto às suas relações com os mais recentes trabalhos de Leach, digamos que estão articulados. Certamente que Leach não teria escrito seu *Culture and Comunication* ou seu *Repensando a Antropologia* sem a influência do Mestre francês. Mas as verdadeiras dimensões dessa articulação implicam em um alvo que deve se constituir num desafio ao leitor interessado no método estrutural e em teoria antropológica. Consideremos por hora um ou dois aspectos dessa articulação, à guisa de ilustração do que queremos apontar. Em sua função de "operador" da teoria lévi-straussiana da aliança, Leach condensa em alguns pontos e umas poucas observações a questão do conhecimento das prescrições e das proscrições matrimonais (capítulo 147). Mostra que três pontos são fundamentais na busca das regras matrimoniais: 1) qualquer regra que implique para um homem que "mulheres da categoria A são casáveis, mas mulheres da categoria B não o são", *é parte de um sistema de classificação social* que serve para mapear o meio social para o indivíduo referido"; 2) se nessa categoria de mulheres casáveis está incluída a irmã de X, então minha própria irmã cai na categoria de casável para X, significando que eu e X somos, num sentido fundamental, de igual *status*, a saber, que se aplica no caso o *princípio básico da reciprocidade;* 3) se tivermos a regra inversa, onde o fato da irmã de X ser casável (comigo), mas minha irmã, ao contrário, não o ser para X, significa que, também num sentido fundamental, eu e X desfrutamos de um *status* desigual, a saber *aqui já não se aplica a reciprocidade.* Mas para Leach, mesmo que esses pontos sejam aparentemente auto-evidentes, há necessidade de que os princípios formais algébricos neles contidos sejam qualificados à luz da evidência empírica, de modo que as regras que especificam as categorias de indivíduos casáveis, homens e mulheres, sejam de grande importância para a "estruturação empírica de toda autoperpertuação dos sistemas sociais humanos" (p. 67).

A preocupação de Leach em tornar mais operacionalizáveis na pesquisa empírica os esquemas analíticos de Lévi-Strauss, leva-o a tentar esboçar fórmulas mais econômicas e eficazes que o leitor por si próprio poderá identificar na leitura dessa sua pequena introdução ao uso da análise estruturalista. Como uma segunda e última ilustração, gostaria de apontar a aplicação que Leach faz do co-

nhecido paradigma da orquestra ("Orchestral performance as a metaphor for ritual sequence", cap. 9) à análise dos ritos. Em seu pioneiro trabalho sobre a estrutura dos mitos ("The structural study of myth", 1955) e, posteriormente, em seu *Le Cru et le Cuit* (*Mitologiques* I, 1964), Lévi-Strauss mostra certa homologia formal entre o mito e a obra musical, tanto quanto entre o rito e o mito. Como no mito, no rito temos emissores e receptores de mensagens, freqüentemente membros de um mesmo povo e incluídos num único processo de comunicação cultural. O rito para Leach, tal como o mito e a obra musical para Lévi-Strauss, é como um "regente de orquestra"; dá-se a mesma inversão de relação entre emissor e receptor, como na fórmula quase mágica de Lévi-Strauss:

> *La musique se vit en moi, je m'écoute à travers elle. Le mythe et l'oeuvre musicale apparaissent ainsi comme des chefs d'orchestre dont les auditeurs sont les silencieux exécutants (Le Cru et le Cuit,* p. 25) *.

No caso específico do rito, Leach nos mostra a operacionalidade do paradigma concluindo que

> ordinariamente em desempenho culturalmente definido como ritual não há regente "a não ser ancestrais mitológicos. Os procedimentos seguem um padrão ordenado que foi estabelecido pela tradição — "este é nosso costume". Há usualmente um "regente", um mestre de cerimônias, um sacerdote principal, um protagonista central, cujas ações provêem os mercados temporais para qualquer um. Mas não há audiência separada de ouvintes. Os executores e os ouvintes são o mesmo povo. Engajamo-nos em rituais com o fim de transmitir mensagens coletivas a nós mesmos (Leach, *Culture and Communications*, p. 45).

Neste, como no exemplo anterior de instrumentalização das idéias de Lévi-Strauss, Leach sempre acrescenta algo. A leitura desse seu pequeno manual, a par de igual leitura da obra de Lévi-Strauss — de que *Antropologia Estrutural Dois* é apenas uma amostra —, conduzirá o leitor àquele mundo do estruturalismo que já foi chamado um tanto ironicamente pelo próprio Leach de Jardim do Éden e para o qual, certamente, ele e Lévi-Strauss continuarão a conduzir incontáveis visitantes.

---

* "A música vive em mim, eu me escuto através dela. O mito e a obra musical aparecem assim como maestros de quem os ouvintes são silenciosos músicos".